

O confucionismo nos nossos dias: transmissão sincera

Ana Cristina Rodrigues Alves

Comentários à tradução

Traduzir do chinês para o português é tarefa árdua, devido à já tão conhecida e falada distância entre as línguas. Porém ainda que fosse maior a relação linguística, qualquer tradução supõe um trabalho de interpretação e reelaboração, como bem viram vários teóricos da tradução de Schleiermacher, passando por Nida até Mona Baker e Lefevere.

A escolha da tradução aqui apresentada enquadra-se no espírito da escola culturalista. Por isso se escolheu uma autora, Chen Yun, e um tema que enfatiza as questões culturais. Logo, com o presente trabalho pretende-se dar mais um passo em direcção à cultura chinesa. Quer-se saber o que pensam os chineses actuais da sua própria cultura: como lêem o passado e se situam perante ele. O tema não podia ser mais sugestivo, já que é uma tentativa de recuperação da tradição, que remonta não só à primeira república, mas aos Clássicos constitutivos da mundividência chinesa, aquela que há milénios vem a formar o espírito dos chineses. Nota-se na autora uma preocupação evidente em recuperar a tradição.

Porém o tempo vai passando, até para os chineses, e a tradição não pode ser recuperada sem mediações, sendo uma das mais importantes, como nos é dito logo no início do artigo, a tradução do pensamento clássico em linguagem actual. Hoje, como ontem, e entenda-se por este passado os primórdios dos tempos republicanos, é necessário proceder à tradução do chinês clássico para o chinês moderno. E como é que isso se faz? Não basta recorrer a estruturas linguísticas simplificadas, é ainda preciso introduzir a forma antitética utilizada nos Clássicos. O chinês clássico tem um modo único de expressar os pensamentos linguísticos,

impossível de captar sem um estudo, ou melhor, uma iniciação linguística que permita o acesso a um mundo tão antigo.

E o que possui este mundo antigo de tão valioso e importante? Afinal, é o eterno pensamento confucionista, onde os mais velhos assumem um papel decisivo na condução dos mais novos.

Outro aspecto cultural verdadeiramente interessante é que nesses tempos o pensamento confucionista não poderia ser recuperado sem mediações, e não apenas linguísticas. Para que fosse aceite era importante recorrer a ensinamentos científicos, práticos e naturalistas, que se vêem enraizar numa outra tradição ainda mais profunda e autóctone, a taoísta, fortemente naturalista. No entanto, mesmo essa comunhão com a natureza, de uma outra linha de sentir, precisa do apoio do pensamento científico moderno, daí a transmissão quase científica de uma série de atitudes a tomar em tempo de trovoadas.

E no final com a chamada de atenção para a recuperação dos manuais antigos, parece-nos preocupar a autora sobretudo a salvaguarda do ensino tradicional, o dos Clássicos, como não podia deixar de ser.

Mudam-se os tempos, mas o apelo à tradição continua entre os chineses, especialmente os dos Sul, que tão bem sabem acarinhar e conservar os seus costumes.

Vejamos agora alguns aspectos práticos da tradução.

Foi impossível realizar uma tradução literal do artigo. Nem tal seria desejável, já que a ordem gramatical das frases difere do chinês para o português.

Por vezes não se procedeu apenas à tradução, mas antes a uma adaptação, ou seja, a uma mistura entre a tradução e a adaptação, e tal sucedeu logo no título. Numa tradução pelo sentido o título seria: *Transmissão da Via Sincera*, mas porque se contou com a mentalidade ocidental, adaptou-se o título para *Transmissão Sincera*.

Porém, nem sempre se privilegiou a comunicação do sentido ao público-alvo, por vezes, e em temas culturais fundamentais, optou-se por uma tradução estrangeirante, sendo o caso mais flagrante, a expressão que poderia facilmente ser traduzida por “*harmonia natural*”, mas que, por razões filosóficas, se manteve: “*harmonia entre as forças celestiais e humanas*”, já que o peso da ideia de Céu na cultura tradicional chinesa é inultrapassável. As forças naturalistas são assim o produto da conjugação entre o Céu e a Terra, que engloba os seres humanos, bem como todos os outros seres naturais.

Para concluir, defende-se que, dentro da medida do possível, todas as traduções estrangeirantes sejam acompanhadas de notas de rodapé, uma vez que

introduzem conceitos estranhos à maneira de ver o mundo da vasta audiência que fala português.

Apresentação da autora

Chen Yun (陳云), nascida em Hong Kong, é o pseudónimo da autora especialista em comentários de política e cultura. Com vários artigos publicados no *Ming Bao*, na publicação mensal de Ming Bao, no Diário Económico de Hong Kong, entre outros, conta ainda com diversas publicações na Internet, nomeadamente no Yahoo.

Licenciou-se na Universidade Chinesa de Hong Kong em estudos comparados das culturas chinesa e inglesa. Continuou os seus estudos em Hong Kong e em Zhuhai, dedicando-se à literatura ocidental. Em 1994 doutorou-se em Filosofia pelo Departamento de História de Goettingen, na Alemanha, especializando-se em política popular. Depois de regressar a Hong Kong, trabalhou no Instituto de Investigação Política e nos gabinetes de Desenvolvimento das Artes e de Administração Civil.

Em 2009 foi contratada como Professora Auxiliar do Departamento de Chinês da Universidade de Lingnan.

O artigo agora traduzido foi publicado no jornal Ming Bao (明報) dia 20 de Abril de 2012 e pertence a uma colectânea intitulada 《急救中文》 (*Pronto-socorro ao Chinês*) de 2012, editada em Hong Kong.

Chen Yun *Pronto-socorro ao Chinês*

Transmissão sincera

Nos meus tempos de escola, recorria-se a Clássicos adaptados à língua actual e à herança republicana. Por exemplo, no capítulo “A trovoadas”, lia-se: “Há nuvens altas e baixas, mas todas têm electricidade. Cruzam-se os raios, com o relâmpago e o trovão a deixar os seus rastros, formando um todo, sonoro e luminoso no céu. O raio prossegue veloz, o som torna-se cada vez mais longínquo. Por isso se costuma dizer que primeiro se vê o relâmpago e só depois se ouve o trovão... Logo, em tempo de trovoadas não nos devemos encostar a paredes altas, usar roupa húmida ou abrigar-nos debaixo de árvores, para não sermos atingidos por um raio.” A fim de se penetrar progressivamente nas frases antitéticas dos Clássicos, recorria-se a explicações baseadas em expressões de auto-defesa por

todos conhecidas. O capítulo “Algodão”, que hoje pertence à biologia¹, é uma das relíquias legadas pelas dinastias Ming e Qing.

O meu capítulo preferido é “Manuais da Nova Cultura Republicana” (1912), a primeira lição do sexto volume, intitula-se: “A Vida Humana”, sendo esta a lição:

“A nossa vida pode ser comparada à das quatro estações. Na Primavera sopra um vento criativo e as plantas florescem, igualmente a meninice é cheia de vivacidade. Com as chuvas do Verão, a vegetação torna-se luxuriante, e os adultos atingem a maturidade. Do Outono para o Inverno faz cada vez mais frio e as plantas murcham e caem, assim também as pessoas envelhecem e decaem. Na natureza as estações sucedem-se ciclicamente. Mas as pessoas envelhecendo, já não rejuvenescem. Costuma dizer-se: *O Tempo não volta para trás*².”

Aqui apresento uma lição dos meus últimos anos escolares. Hoje parece difícil compreender como podia ser um modelo para os jovens, no entanto lê-la era muito benéfico, porque os mais velhos ensinavam os mais novos. A lição assenta na “Harmonia entre as forças celestiais e humanas”. Talvez a comparação entre os ritmos naturais de florescimento e declínio das quatro estações e os humanos de nascimento, envelhecimento, doença e morte, pudessem substituir melhor o pensamento confucionista. Há, no entanto, que ter em conta que o Céu permanece, mas as pessoas têm prazo. Por isso, os conselhos dos mais velhos são fundamentais para os mais novos valorizarem a juventude, aperfeiçoando-se constantemente, tal como os antigos pediam aos seus filhos. Eis o que pode ser considerado uma transmissão sincera!

PS.: Nos tempos de maior caos da república, pôde publicar-se este material de ensino em Hong Kong, que chegou até aos nossos dias. Sempre tive esperança que os manuais fossem reeditados, a fim de se preservar a cultura, a edição e a novidade dos conteúdos, de modo a transmiti-los aos vindouros. Mas ainda não tive nem tempo nem energia para o fazer. Fica a proposta de uma edição de “Leituras Escolhidas dos Clássicos”. Os materiais estão feitos e engavetados há três anos.

1 A tradução literal seria flora, optou-se por biologia dado que é uma disciplina generalista, onde se enquadra a flora em muitos dos currículos ocidentais.

2 Conseguiu-se uma equivalência feliz de ditos entre o Chinês e o Português, situação nem sempre possível de alcançar em frases idiomáticas, sabida que é a singularidade das mesmas.

陳雲《急救中文》

真誠的傳道

我童年的科學書，用的都是淺白文言，也是承繼民國遺風。例如〈雷電〉一章，說〈空中之雲，或高或低，各儲電氣。二電相觸，乃發聲光。其聲謂之雷，其光之電，實一物也。惟光行速，聲行遲，故常先見電而後聞雷。……故雷雨之時，勿倚高牆，勿著溼衣，勿立樹下，皆避電之法，也。〉妙用古文的對仗與遞進的句法，解釋物理與電雷自保的常識。〈棉〉的一章，是現代科學的植物誌，行文却如明清的風物誌。

我最喜歡的一章，是《共和國教科書新國文》（一九一二）第六冊的第一課，題為〈人之一生〉，課文如下：

〈人之一生，猶一歲之四時乎。春風和煦，草木萌動，一童子之活法之活潑也。夏雨時行，草木暢茂，一壯年之發達也。秋冬漸寒，草木零落，則有壯而老，由老而衰矣。然冬盡春來，循環不已，人則老者不可復壯，壯者不可復少也。語曰：〈時乎時乎不在來。〉

這是小學高年級的課文，今日看來艱深，往日的兒童以小畢業為準，課文如老者向少年教誨，讀之有益。課文寄託了〈天人³合一〉，人之生老病死與四季的榮枯更替一體的儒家精神，更有天地永久而人民有期，天人不能合一的悲嘆，以老人的口吻，勸諭少年珍惜青春，自強不息，如祖父囑咐孩子。這是真誠的傳道啊。

後記：民國兵慌馬亂之際，仍可出此教本，勝於香港今日。我常有願望，重新編訂此類教本，保其文采、印刷，將內容革新，傳予香港下一代，可是時間與精力不足。即使構思了的《古文選讀》，稿本都做好了，也擱置三年未能動筆。

《明報》二〇一二年四月二十日

3 A tradução estrangeirante é muito importante do ponto de vista filosófico, porque esta harmonia estabelece-se entre o Céu e a Humanidade. Sendo, ao jeito do pensamento ocidental, uma harmonia natural.